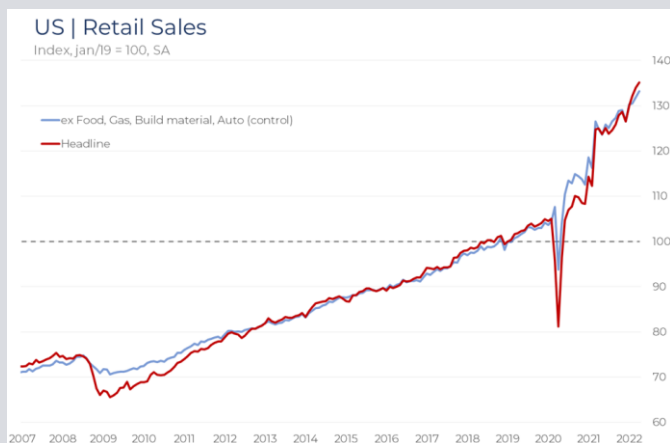


Blue Notes | Fechamento da Semana | 20 de maio 2022

Riscos de recessão continuam a assombrar os mercados. Apesar da divulgação de dados de atividade econômica melhores do que o esperado em vários países, temores de que a persistência das pressões inflacionárias leve as autoridades a um grau de aperto recessivo nas condições monetárias têm levado a correções significativas nos mercados de bolsas, juros e câmbio ao redor do mundo. Nesse ambiente conturbado, a melhor recomendação é a cautela nas decisões de mercado, com posições menores e em ativos com maior convicção direcional. Com a pressão altista nos custos de energia e alimentos, governos no mundo inteiro têm implementado políticas compensatórias para aliviar, pelo menos em parte, o peso sobre os orçamentos familiares. No Brasil não está sendo diferente, mas a falta de coordenação entre as várias iniciativas assusta um pouco os investidores. As trocas de comando na Petrobras e no MME, a ausência de propostas vindas do próprio Executivo e, principalmente, as iniciativas disruptivas do Legislativo, não ajudam em nada a melhorar o ambiente de negócios no país.

Congresso toma liderança no debate de preços de energia.

Dada a falta de ação do governo para endereçar a demanda por certo controle nos preços da energia elétrica e combustíveis, o poder Legislativo tem tomado a liderança em iniciativas para limitar esses reajustes no orçamento familiar. O grande problema é que nem sempre esse Poder tem uma visão das consequências de médio prazo de suas propostas e acabam sugerindo ações ou draconianas, como o PDL que suspende aumentos de energia elétrica já autorizados pela ANEEL, ou fiscalmente temerárias e populistas, como a iniciativa de limitar a taxa do ICMS dos Estados sobre combustíveis e energia. Esse último projeto poderia ter impacto de cerca de R\$70 bilhões na arrecadação de Estados e municípios, tirando esses entes federativos do equilíbrio fiscal em que atualmente se encontram. No caso específico do ICMS, a melhor solução seria governo e Congresso entrarem em um acordo para aprovar a PEC110, que trata justamente da reforma desse imposto tão cheio de distorções.



Nos EUA, atividade continua forte (até quando?).

Vendas no varejo subiram 0.9% em abril, com avanço robusto do indicador subjacente além de revisões positivas para março. Ainda que os consumidores estejam enfrentando uma série de obstáculos, como forte aumento dos preços, perda de valor dos ativos financeiros sobretudo na bolsa de valores, além de uma incerteza grande sobre as perspectivas da economia, o consumo tem mostrado grande resiliência. Da mesma forma, a atividade industrial começou o segundo trimestre com expansão forte de 1.1%, sugerindo uma perspectiva de crescimento sólido no curto prazo apesar das crescentes preocupações sobre a atividade no médio prazo. Tendo como pano de fundo uma dinâmica inflacionária preocupante e uma economia ainda robusta, Powell reforçou a postura hawkish ao indicar que o Fed continuará subindo os juros até uma queda convincente da inflação, mesmo que isso leve a um maior desemprego, aumentando os temores de uma possível recessão.

Na China, resposta a covid cobrando um custo alto.

Dados de atividade vieram bem mais fracos do que o esperado em abril, com quedas disseminadas por todos os setores além de deterioração adicional do mercado de trabalho. Em resposta, as autoridades cortaram em 15bps os juros longos a fim de dar suporte sobretudo ao setor imobiliário. No entanto, a manutenção da política de tolerância zero da covid continuará a ter peso relevante sobre a atividade.